



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

REPRESENTAÇÃO MASCULINA NA LITERATURA DE CORDEL

Rodrigo Nunes da SILVA

rodrygonunes22@gmail.com

DLA da Universidade Estadual da Paraíba

Linduarte Pereira RODRIGUES

linduarte.rodriques@bol.com.br

DLA e PPGFP da Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: A literatura de cordel é uma das principais expressões da cultura popular nordestina e se mostra ambiente propício para representar modelos e estruturas socioculturais atrelados a tradição patriarcal. Considerada, muitas vezes, como uma literatura pobre e sem valor literário, estudos recentes mostram que este tipo de expressão popular tem se tornado cada vez mais fonte valiosa para pesquisas linguísticas e/ou literária, devido aos temas e a atualização de discursos/ideologias propagados (RODRIGUES, 2006; 2011). Diante disso, nosso trabalho faz uma incursão discursiva por alguns cordéis que desenharam a imagem do homem nordestino, percebendo a contribuição do contexto extralinguístico para a fixação dos sentidos cristalizados e atualizados em prol da construção de imagens discursivas. Frente ao objetivo proposto, buscamos fundamento teórico na Análise do Discurso de linha francesa e nos estudos do imaginário, com ênfase na cultura popular nordestina. Partimos das leituras efetuadas em Bakhtin/Voloshinov (2004), Orlandi (1999), Nóbrega (2011), Nolasco (1997), entre outras. Nosso estudo aponta para o fato de que o povo nordestino encontra no cordel uma identidade representada, traduzida em linguagem, dando suporte aos imaginários religiosos e da cultura em geral. Observamos que os folhetos de cordel analisados buscam representar de forma contundente o homem dessa região, estabelecendo um modelo padrão que apresenta características do homem patriarcal, como o ser pai, religioso e supridor das necessidades do lar, batalhador e valente diante de fenômenos como a seca, etc. Não aceitando desvios de conduta, repugnado a homossexualidade, o sexo fora do casamento, religiões não cristãs. Desenhando um cenário de moralidade como ideal de vida em sociedade.

Palavras-chave: Representação masculina. Análise do Discurso. Imaginário. Cordel.

1 INTRODUÇÃO

Encontramos na literatura de cordel a identidade de um povo através da linguagem, as credences, o humor, a cultura em geral, os progressos e regressos que personalizam uma sociedade. Diante desta compreensão, vemos o quanto o cordel manifesta-se como identidade sócio-histórico-cultural da região nordeste, constituindo-se e expressando-se por ideologias que atravessam o plano cultural daqueles que vivem e sabem por experiência própria o que é ser nordestino. Eles criam imagens a partir daquilo que vivem e sentem, do que têm e conhecem (NÓBREGA, 2011). Sendo assim, o cordel funciona como instrumento propagador de imagens, a partir de uma visão de mundo, real ou utópica, de realidades nascidas do imaginário. A forma como o poeta popular enxerga suas ideias sobre religião, política e a própria vida é propagado nos folhetos.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Diante disso, nosso trabalho busca fazer um percurso pelo imaginário do povo nordestino para percebermos as visões de mundo e a percepção da realidade sendo representadas no que se refere às imagens da figura masculina presentes nos folhetos de cordel. Utilizamos como objeto de estudo a literatura de cordel, por considerá-la uma expressão popular em que o povo da região nordeste encontra sua identidade representada. Com esse propósito, fundamentamo-nos na Análise do Discurso de linha francesa e nos estudos do imaginário, com ênfase na cultura popular nordestina. Partimos das leituras efetuadas em Bakhtin/Voloshinov (2004), Orlandi (1999), Nóbrega (2011), Nolasco (1997), entre outros estudiosos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO

Podemos dizer que não há discurso neutro, pois aqueles que falam ou ouvem, escrevem ou leem, são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico, que pertencem a um grupo, o qual possui suas crenças, valores culturais, sociais, ou seja, uma ideologia¹ que anima os discursos produzidos pelo grupo.

O discurso carrega consigo aspectos externos que são sociais, históricos e ideológicos, que se materializam na língua produzindo diversos sentidos interpretados pelos sujeitos da situação comunicativa.

As escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos, que, por sua vez, expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema (FERNANDES, 2005, p.21).

Observamos que as palavras podem variar seu sentido de acordo com o contexto em que os sujeitos, em interlocução, estão inseridos, podendo a enunciação, também, de acordo com a posição desses sujeitos, ter um sentido e não outro.

Bakhtin/Voloshinov (2004, p. 172) diz que “as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos”. Comenta ainda que o signo verbal não pode ter um único sentido, as vozes ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente. Qualquer mudança social repercute imediatamente na língua e os sujeitos envolvidos inscrevem nas palavras essas mudanças sociais. As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social.

¹ Entendida para nós como visão de mundo de um determinado grupo social.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Os aspectos históricos, sociais e ideológicos possibilitam a produção do discurso, formam as *condições de produção* que, como já expressei, pode ser definido como um conjunto de elementos que cerca a produção de um discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam à imagem que fazem de si, do outro e do assunto de que estão tratando.

A materialidade do discurso sob a forma de texto é um fator marcante na literatura de cordel. Percebemos na linguagem cordelística a presença constante de discursos, de palavras, expressões que fazem desse veículo textual um gênero discursivo riquíssimo. Assim, observamos categoricamente as marcas enunciativas e discursivas presentes nesta forma de expressão popular, não apenas as deixadas verbalmente no enunciado, mas as marcas de enunciação do sujeito, de um lugar histórico e social, de uma posição discursiva que circula e faz circular discursos.

2.2 IDENTIDADE

A relação entre sujeito e a sociedade é um ponto importantíssimo para a construção da identidade de gênero. Tal identidade pode sofrer variação e ser afetada pelo sistema social em que o indivíduo está inserido.

Uma pessoa pode não se identificar com o sexo de seu nascimento, ou seja, o conceito de identidade de gênero tem haver como as pessoas se veem e se autodefinem. Dessa forma, observamos que este conceito remete a uma individualidade que, dentro de determinada cultura, nos faz pensar o lugar do indivíduo no mundo.

Emília Pedro (1997, p.157) diz que

A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológicas, social e cultural, como idade, gênero, etnicidade e classe. De fato, as diferentes dimensões do indivíduo, ambas objetivas, ambas sociais e culturais, parecem, ser aspectos irreduzíveis de seu/sua identidade.

As culturas criam seus estereótipos no que se refere ao sexo de uma pessoa. Ao homem, em determinadas culturas, cabe características de ser mais algoz, racional e dotado de um instinto sexual desenvolvido, enquanto as mulheres seriam mais sentimentais e submissas. Roberto da Matta (1996, p.35) afirma que

Todos os homens tem uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora, e sobretudo, dentro de si mesma, (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A sociedade ocidental, também conhecida de sociedade patriarcal, traz como característica típica para o homem o ser pai de família, que supre as necessidades do lar. Segundo Nolasco (1997, p. 139), é o que chamamos de “homem de verdade”, ou seja, um modelo padrão de masculinidade que apresenta características do homem patriarcal, como força, poder e virilidade.

Nolasco (1997) afirma que uma das principais referências para o homem, em termos de reconhecimento social de sua identidade, é o trabalho. O homem reforça sua masculinidade ao sair de casa e se realizar profissionalmente.

A paternidade é outra característica significativa na construção da masculinidade. Segundo Nolasco (1997), “a imagem paterna do chefe da família, provedor da casa, vem sendo desconstruída devido a mudanças no comportamento esperado dos homens nos anos 90”. A mulher começa a ganhar espaço no mercado de trabalho, e questões relacionadas à masculinidade estão intimamente relacionadas com o oposto, ou seja, a referência que temos de feminino, em que ao mudar um o outro consequentemente também será transformado (perspectiva estrutural de visão e organização do mundo das ideias e dos sentidos).

2.3 IMAGINÁRIO

Tudo o que vemos, tocamos, ouvimos ou temos acesso através de um de nossos sentidos, nos fazem criar imagens. Na verdade as imagens, segundo Nóbrega (2011, p.13), estão por toda parte e “perpassam pelos caminhos do real ou do imaginário”. Como diz um ditado que circula no meio popular “cada um vê o mundo com os olhos que tem”. Podemos assim dizer que as imagens estão imbricadas na sociedade, projetando as representações culturais e suas subjetividades transmitidas por signos, identificando socialmente um povo através de sua visão de mundo e percepção da realidade.

Para Bachelard (1990, p.5), as imagens renovadas, atuantes, libertas, é o que permite atualizar o imaginário como imanência no real e mesmo como “o trajeto contínuo do real ao imaginário”.

Durand (2002, p.25) explica que o imaginário é entendido como “uma rede de todas as imagens que estruturam os modos de viver (e de sonhar) do homem em sociedade”, ou seja, perpassar o âmbito do imaginário é compreender os indivíduos e sua cultura, através de suas



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

crendices, manifestações e sua forma de viver em sociedade, em que entra em cena o símbolo, que juntamente com o imaginário ocupam maior dimensão, em vez da própria razão.

Assim, podemos falar em memória coletiva de um povo, ou ainda no imaginário ou representações coletivas, que possui uma unidade de valor assumida por este grupo social, que orientará as estruturas imaginárias comuns em todas as sociedades (DURAND, 2002).

Dentro do imaginário da população brasileira, o nordestino traz a imagem do homem, batalhador, rústico e valente. Segundo Leão (2008, p.137),

O homem valente e destemido que passa o dia no trabalho para suprir as necessidades econômicas da família enquanto a sua mulher cuida da casa e das crianças. A imagem de um homem que não suporta desaforo e que bebe sua cachaça na mercearia enquanto sua mulher o espera em casa. A imagem enfim de um homem tipicamente patriarcal.

O cordel é uma literatura popular que testemunha de forma expressiva fatos ligados a história e a vivência do povo nordestino. Nóbrega (2011, p.30) afirma que

O fenômeno literário reflete um imaginário que transita por paisagens já conhecidas. Mas a realidade, ressignificada, está na dependência da percepção dos autores e dos leitores, e as diferenças, partindo de um princípio de qualidade, passam por fatos de consciência singularizados.

Quando um poeta pratica seu ofício, fazendo uso de sua imaginação, embarca em uma verdadeira viagem rumo a conhecer novos caminhos.

3 O OBJETO DE ESTUDO

3.1 O CORDEL: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E CULTURAL

Muitos definem o cordel como uma narrativa oral colocada no papel, mas é de se ressaltar que mesmo colocada no papel ela continua sendo uma literatura oral, ou seja, o folheto de cordel é um gênero que entremeia o oral e o escrito, o que se dá por sua função primária: escrito para ser lido, memorizado e declamado.

O cordel corresponde à literatura de grupos de uma cultura menos privilegiada, que não tiveram acesso a escolaridade, mas que a utiliza como objeto de informação e ensino do conhecimento do povo para o povo. Embora pouco conhecida pela maioria dos leitores brasileiros, é possivelmente a mais genuína forma de expressão sociocultural do povo sertanejo.

Realmente, encontramos no cordel um lugar próprio de expressão da arte popular, em que se encontram e se relacionam a ficção e a realidade, denunciando a forma de ver o mundo e dele



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

poder falar por parte desses poetas que mostram de forma significativa e experienciada o modo de viver e perceber a realidade de um povo. Nóbrega (2011) afirma que

Os folhetos de cordel desenvolvem um *ethos* afetivo na forma de apreensão da realidade, o que condiz com uma distribuição de temáticas variadas e abrangentes, nas quais sobressai a memória, relacionada a aspectos documentais e testemunhais de tempos e espaços.

Assim, podemos perceber que o poeta popular transmite por experiência própria os anseios, as alegrias e tristezas do povo e do local no qual habita, atuando como instrumento de uma memória coletiva, através de temas que envolvem heroísmo, o sagrado, histórias míticas e lendárias, entre tantos outros temas que perpassam e entrelaçam o real e o ficcional.

Observa-se nesta expressão linguístico-literário que há grande variedade de temas, tradicionais ou contemporâneos, que refletem a vivência popular, desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e proveniente da cultura oral.

Sabemos que o poeta popular transmite a ideologia da região a qual pertence. O cordel vem apresentar este homem, ligado ao Nordeste tradicionalista e conservador, em que viver significa ser forte, sofrer, mas lutar e esperar por dias melhores.

4 ANÁLISE DO CORPUS

4.1 O HOMEM QUE SOFRE COM A ESTIAGEM

A relação do homem com o mundo é mediada pela linguagem. Ao produzir linguagem, os falantes/escritores produzem discursos. Antônio Gonçalves da Silva, conhecido popularmente como “Patativa do Assaré”, retrata no folheto “*ABC do Nordeste Flagelado*” a realidade trágica da seca no nordeste:

Ai, como é duro viver
nos Estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover.
É bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar,
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro.

O poeta revela experiência e sentimentos de um sujeito que vive no sertão nordestino. Seus versos nascem da matéria cotidiana, com seu labor, suas alegrias e seus sofrimentos.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Patativa do Assaré traz verdadeiramente a formação de uma identidade, sua linguagem. Os personagens, o ambiente rural sertanejo em que vive, as aspirações sociais, as reivindicações políticas e sociais demonstram a formação de um sujeito representado como vítima de um arranjo sócio-geográfico e histórico do viver no sertão em tempos de seca.

Os versos produzidos pelo poeta expressam uma realidade que só pode ser plenamente compreendida por aqueles que comungam desse cotidiano, que reconhecem os signos cristalizados cognitivamente, permitindo fazer sentido pela identificação que se estabelece entre autor e leitor que compartilham das mesmas experiências.

4.2 SER PAI: IDENTIFICAÇÃO PATRIARCAL

O poeta popular Antônio Costa, no folheto “O ser pai...”, apresenta uma visão da figura masculina dentro de um contexto próprio do homem, que é o de ser pai de família, numa perspectiva religiosa. No início de seu folheto, o poeta faz um pedido a Deus, a quem chama de “Grande Deus nosso pai”:

Peço o senhor amado
O grande Deus nosso pai
Para falar de um tema
Que pra todos ‘homens’ vai
E vem desde o paraíso
Esta questão sempre cai

Na visão criacionista, Deus, ao criar tanto o homem como a mulher deu-lhes características próprias, modelos que dão autenticidade ao comportamento de ambos. Percebe-se o homem como diferente da mulher, apesar de serem criados como semelhantes de Deus, conforme relata o texto bíblico no livro de gênesis 1:27.

No folheto, o poeta mostra Deus como o “grande pai” da humanidade, que muitas vezes precisa disciplinar seus filhos para que andem em caminhos de retidão. Dessa forma, Deus é o exemplo maior de pai a ser seguido pelos homens, que o poeta popular reconhece e se dirige pedindo licença para falar de um tema comum aos homens: a qualidade “ser pai”.

Percebe-se no cordel que o poeta faz analogia aos escritos bíblicos, isto é, retoma o discurso religioso, atualizando-o enquanto conselho para o ser pai, que ensina os filhos a viverem “de forma correta”, mostrando que ser pai é: estar presente; dar assistência; ser paciente; responsável; moralizar o filho quando desobediente, ou seja, dar educação através do exemplo e da dedicação.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

No folheto, percebemos que a identidade do sujeito masculino configura-se na figura paterna, um modelo ideal a ser seguido por um “bom pai”, sujeito que ocupa um lugar na sociedade. Imagem construída por relações histórico-culturais estabelecidas. Dessa forma, podemos dizer que no discurso da família, a figura paterna serve como modelo de virilidade, uma das principais características do patriarcalismo, que garante a imagem do chefe de família, aquele que mantém a ordem social.

4.3 OUTRO LADO DESSA ESTRUTURA DE SENTIDO: O ESTERÍOTIPO HOMOSSEXUAL NO CORDEL

Podemos identificar no folheto de cordel “Meu filho é uma gostosa” a figura do pai, o chefe da família, através de Julião, um homem muito estimado e considerado modelo de patriarca na cidadezinha em que vivia com sua família, homem sério, célebre modelo de “homem de verdade”. Observamos também a figura do filho que, ao viajar para o sudeste torna-se homossexual. O poeta Marcos Silva começa a descrever a história da seguinte maneira

Eu vou falar algo
Que hoje em dia é normal
Mas que em tempos remotos
Já foi algo imoral
Arrumação do capeta
Fraqueza sexual

Nos cordéis analisados há uma forte tendência de destacar aqueles desenhos de sujeito que fogem do modelo de homem da região, “o cabra macho” ou “homem de verdade”, como comumente encontramos representados. Por ser uma região que ainda vive atrelada ao tradicionalismo e patriarcalismo, percebem-se discursos imbuídos de preconceito, com relação ao homem que possui características físicas e comportamento femininos, não devendo julgar o cordelista como sendo um sujeito preconceituoso, mas considerando que seus discursos permitem apontar para seus personagens de forma que os destacam dos demais sujeitos sociais de sua região, o que resulta na reprodução de vozes preconceituosas e conseqüentemente na manutenção do ato de repugnar o diferente (RODRIGUES, 2013; 2014). Muitos estudos apontam para uma crise da identidade masculina nos últimos anos, mas vemos que pouquíssimos folhetos tratam a respeito desta crise identificada na sociedade.

No folheto em análise, o autor reflete acerca do fato de que hoje em dia fala-se de crise de identidade do gênero masculino, em que o homem passa a ser vaidoso, zelando pela aparência



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

física e pela beleza, o que é considerado algo normal. Para ele, nos tempos passados não era bem assim: esse modelo de homem, considerado homossexual para o autor, sofria muito preconceito. No folheto, tal prática social era julgada no passado como “algo imoral”, “arrumação do capeta” e “fraqueza sexual”.

Percebe-se nos folhetos analisados o apego ao discurso religioso e patriarcalista, próprios de um nordeste que concentra valores da tradição e da modernidade. A religião cristã, de base judaica, influência ideológica para a produção de enunciados que ganham sentido efetivo em um contexto de enunciação de um Brasil de nascimento nordestino, sempre combateu de frente a prática do homossexualismo. O homem, no contexto do discurso patriarcal religioso cristão, foi sempre considerado o detentor do poder, sexo “forte”, enquanto a mulher, submissa, é representação de sexo frágil. Consequentemente, os homossexuais são considerados pessoas que possuem fraqueza sexual, escória, anormalidade, manutenção de um discurso machista, patriarcalista, que no cordel se encontra representado, vivo e violento.

5 CONCLUSÃO

O cordel é um gênero textual de grande importância para o povo nordestino, pois retrata de maneira vivenciada o sofrimento de seu povo, mas ao mesmo tempo é uma forma de se ir além dos problemas da vida, uma espécie de fuga e realização para quem escreve ou ler. Nessa linguagem do povo para o povo encontramos um vocabulário típico, cujo conteúdo semântico é expressivo e peculiar.

A literatura de cordel é sem dúvidas um importante instrumento de conservação da memória popular, revelando o retrato fiel de uma região e de uma sociedade, pois mostra de maneira significativa os valores, as crenças e os costumes de um povo que tem contato com o meio a sua volta e faz-se conhecedor das coisas do seu mundo.

Em nosso estudo, constatamos a imagem do homem nordestino, produto do imaginário cristão, expresso pela literatura de cordel, ser batalhador e forte, pai, religioso e supridor das necessidades do lar, ligado por elos históricos ao homem patriarcal, que não aceita desvios de conduta como a homossexualidade, destacada e julgada como desviante, produto de tempos modernos ou mesmo finais de tempos, conforme a ideologia messiânica cristã que é produtora de tais enunciados.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa. **ABC do Nordeste Flagelado**. Disponível em: <http://www.tanto.com.br/patativa-abc.htm>, acesso em 23 de maio de 2014.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

COSTA, Antônio. **O ser pai...** Sem local. Sem data.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica**: ensaios sobre o imaginário cultural e literário. Campina Grande: ADUEPB, 2011.

NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org). **Homens**. São Paulo, SENAC, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso** – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **O apocalipse na literatura de cordel**: uma abordagem semiótica. João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação de mestrado)

_____. **Vozes do fim dos tempos**: profecias em escrituras midiáticas. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

_____. Associação identitária entre a decadência do mundo e a imagem da mulher no cordel e em outras mídias. In: DIAS DA SILVA, Antonio de Pádua; RIBEIRO, Maria Goretti. **Rumos dos estudos de gênero e sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: ADUEPB, 2013.

_____. Tríade arquetípica do feminino no imaginário religioso cristão: Eva, Maria e Madalena. In: DIAS DA SILVA, Antonio de Pádua; ALVES DA SILVA, Taciano Valério; MORAIS, Raffaella Medeiros e. **Artimanhas do desejo**: ensaios de literatura, psicologia, linguagens. São Paulo: Editora Scortecci, 2014.

SILVA, Marcos. **Meu filho é uma gostosa**. Sem local. Sem data.